



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

TALITA FERREIRA

(depoimento)

2014

CEME–ESEF–UFRGS

FICHA TÉCNICA



Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-490

Entrevistada: Talita Ferreira

Nascimento: 07/12/1979

Local da entrevista: Escola de educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional – UFMG

Entrevistadora: Christiane Garcia Macedo

Data da entrevista: 13/11/14

Transcrição: Giovanna Furtado

Copidesque: Christiane Macedo

Pesquisa: Christiane Garcia Macedo

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 44 minutos e 28 segundos

Páginas Digitadas: 17 páginas

Observações:

A entrevistada realizou algumas alterações após a leitura da entrevista transcrita.

Entrevista realizada para a produção da pesquisa *Locais de Memória da Educação Física: os centros de memória das universidades federais*, de autoria de Christiane Garcia Macedo

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Envolvimento com o Centro de Memória da Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT); Formação da entrevistada; Início do Centro de Memória; Pessoas envolvidas com o Centro; Temática dos documentos; Materias do Centro de Memória ligados à Universidade; Acervo de áudio, vídeo e fotos; Limpeza dos acervos; Bolsistas dos outros professores que trabalharam no projeto; Apoio da Universidade; Grupo de estudos; Envolvimento da entrevistada no Centro de Memória; Entrevistas registradas no Centro de Memória; Registro final da entrevistada.

Belo Horizonte, 13 de novembro de 2014. Entrevista com Talita Ferreira a cargo da pesquisadora Christiane Garcia Macedo para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

C.M. – Muito obrigada por essa disponibilidade de tempo. Eu queria que você começasse contando como que você se envolveu com o Centro de Memória da Universidade Federal do Mato Grosso, a UFMT?

T.F. – Bom dia. Eu entrei no curso de graduação em Educação Física na UFMT em 2010, no curso de Licenciatura, e já em 2010, no segundo semestre eu tive a minha primeira experiência em relação à história, porque eu fui monitora do professor que dava a disciplina na graduação de história da Educação Física, então aí eu comecei a me interessar pela história, mas até então só como monitora. Em 2010 para 2011 o professor Evando Carlos Moreira, até então era o professor dessa disciplina e coordenador da Educação Física, ele conseguiu a aprovação de um projeto na FAPEMAT¹, lá em Cuiabá, para um projeto de constituição do Centro de Memória da Educação Física e do Esporte de Mato Grosso. Só que esse projeto na verdade, ele não recebeu dinheiro para compra de material e tal, a ideia inicial do projeto era conseguir recursos para pagar bolsas de iniciação científica para fazer a pesquisa que pudesse servir como acervo do Centro de Memória. E assim foi, ele conseguiu cinco ou seis bolsas não me recordo direito, aí ele dividiu entre os professores, pesquisadores que faziam parte do projeto, e aí um aluno pesquisou história da dança em Mato Grosso, ele teve esse um ano, eram pesquisas ainda incipientes, iniciais, pesquisas de alunos de graduação, então, talvez o resultado não foi tão aprofundado em relação à pesquisa, mas foi o pontapé inicial. Então um aluno pesquisou sobre a história da dança, outro aluno pesquisou sobre a história do handebol em Mato Grosso, ficou meio livre essa escolha entre os alunos e seus orientadores. No meu caso, eu também fiquei imaginando qual esporte ninguém nunca pesquisou. Daí na minha cabeça sobre história seria de algum esporte, falei: “Vou pegar futsal, ninguém fala do futsal”. Daí fiquei imaginando até o dia que seria o dia que eu ia falar com o professor o que eu pensei. Quando eu cheguei com a ideia, ele já veio: “Não, não, pensei em outra coisa para você”. Aí já foi um balde de água fria, no momento eu falei: “Não era para escolher?” E ele falou:

¹ Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Mato Grosso.

"Porque você não pesquisa a história aqui do curso da UFMT?". Aí eu pensei: "História do curso?". Ainda pensei: "É mais difícil para mim". História do esporte eu podia ir lá na federação e tal. E na época o curso estava fazendo trinta e cinco anos, eu falei: "Está bem, mais um ano para pesquisar a história do curso, um ano para trinta e cinco anos". E aí a gente começou a conversar, eu falei: "Professor, acho que eu vou tentar fazer um levantamento pelo menos dos fatos mais relevantes, dos aspectos históricos que envolvem o curso". E aí foi a parte interessante, porque eu saí de lá empolgada, pensando o que eu podia fazer, onde eu ia começar, começo onde, todo mundo já imagina: "História vou pesquisar em jornal, em arquivo". Já me imaginei no arquivo público, até então eu nunca tinha ido a um arquivo. A primeira pergunta que eu me fiz foi: "Quem criou o curso?" Não sabia, estava lá há dois anos e nunca tive a preocupação de me perguntar quem foi o responsável. "Como se cria um curso na Universidade?" Não tinha ideia, nunca foi uma preocupação minha saber como é que alguém cria um curso, do nada: "Eu quero criar um curso de Educação Física". Então, eu fiquei me questionando e fui atrás dessas questões, eu fui atrás de professores mais velhos que ainda estavam lá: "Professor, quem que criou o curso? Foi o Reitor? É um professor?" Aí começou a surgir um nome que estava na boca de todos os professores, que era o professor João Batista Jaudy, aí todo mundo dizia: "Foi o Batistão". Todo mundo chamava ele de Batistão, ele e uns outros professores, junto com o Batista vinha outros nomes, vou dizer assim secundários, porque sempre o João Batista estava em primeiro plano nas respostas do professores. Eu fui conversar com o professor, eu falei: "Professor, falaram do João Batista, não sei mais aonde procurar". Aí ele falou: "Se vira, parece que tem um material embaixo da escada do ginásio de esportes". Eu fui procurar esse material, pedi a chave para quem tinha, quando eu entrei, eram caixas e mais caixas, só que num estado triste, deplorável, porque em uma das reformas do ginásio, eles reformaram algumas salas e todo o material administrativo, a parte de documentação da faculdade que estava numa sala, essa sala se transformou em sala de um professor, onde a gente vai colocar? Fizeram uma espécie de um rebaixado com um portãozinho com uma grade de ferro embaixo do ginásio e colocaram tudo lá dentro, quando eu abri tinha muitas caixas estragadas, porque o pessoal da limpeza, limpa o ginásio e joga água e esse lugar é um lugar aberto, a água escorre para dentro desse local, colocaram até um tapume para colocar as caixas em cima, madeira, madeira e água, cupim, tinha muito cupim, já estava num estado de decomposição até algumas caixas, também virou um quartinho de depósito porque junto tinha fios de internet, o pessoal ia lá fazer um serviço: "Onde a gente coloca o

resto?” “Coloca aí dentro”. Quando eu vi aquilo, “Opa, o que será que tem aqui dentro?” E aí começou, a saga foi a partir desse cubículo, com muito papel. Quando eu peguei a primeira caixa, esparramei, comecei a ver documentos assim... Eu cheguei a ter aula de datilografia, quando eu vi um papel datilografado, eu falei: “Esse é importante”. Você imagina quanto mais velho, mais valor, você quer aquelas coisas manuscritas, amareladas. A minha ideia de arquivo, documento precioso, era quanto mais velho melhor, eu comecei a procurar essas caixas que tinham esses documentos mais antigos, a partir disso eu não parei nessa trajetória, porque eu fiquei um ano fazendo essa pesquisa, a gente tentou retomar o projeto, tentamos de novo, a própria FAPEMAT deu uma negativa de que os objetivos não eram condizentes, alguma coisa assim, aí abriu o VIC², eu falei: “Eu vou como voluntária, mais um ano como voluntária de iniciação científica nesse projeto”.

C.M. – Você já tinha se formado?

T.F. – Não, eu fiquei no segundo ano, no terceiro ano eu fui voluntária VIC, acabou esse ano de pesquisa, eu falei: “Professor, eu preciso continuar mexendo com os documentos, porque se eu parar aqui, não sei se eu volto, não quero deixar”. Ele falou: “Dá para a gente tentar agora uma bolsa de extensão, só que a extensão é prática”. Eu disse “Então coloca que eu só vou limpar documento agora”. A gente pediu mais seis meses para higienização de documentos, fiquei e o meu TCC³ foi também sobre a História do Curso de Educação Física com a História Oral. A gente fez três entrevistas com professores aposentados, entrevistas na íntegra, a pergunta que a gente fazia é: “Quem criou o curso de Educação Física? O senhor entrou aqui em que ano? E qual era a história que se contava? Se alguém perguntar quem foi?” Todos eles foram unânimes, todos eles falavam o nome desse professor João Batista, como precursor, junto com outros, claro, mas o João Batista como precursor do curso. O TCC foi sobre isso e me deu o gancho para o projeto de Mestrado que eu tirei esse sujeito emblemático, o João Batista a partir dos estudos no Centro de Memória, para eu poder fazer um estudo biográfico sobre a importância do João Batista para a Educação Física do Esporte de Mato Grosso, foi assim meu envolvimento.

² Voluntária de Iniciação Científica.

³ Trabalho de Conclusão de Curso.

C.M. – Em que momento desses que tu está mexendo no acervo que começa o Centro de Memória? Tu lembra?

T.F. – Sim, foi o ano passado, porque a partir dessa movimentação com os papéis e organização, a gente falou: “Não basta só organizar, a gente precisa divulgar”. Então, a gente conseguiu publicar uns dois ou três artigos, sobre a importância dessa organização, dentro do arquivo universitário, a importância de se reconstituir a história da instituição, para se compreender o papel, por exemplo, de alguma prática esportiva que é dado pelo mesmo professor da época da fundação, que não tinha se aposentado, por exemplo. Alunos que entram, sabem reclamar: “Porque o professor faz isso sempre”. Talvez se ele conhecesse a história anterior fosse diferente. Então, a partir do momento que a gente conseguiu ampliar e fazer essa divulgação, a gente falou: “Está na hora da gente tentar realmente legitimar”. O que a gente fez? A gente tentou ano passado um segundo projeto na FAPEMAT, o edital da FAPEMAT Universal, que era a legitimação do Centro de Memória da Educação Física do Esporte de Mato Grosso. Como foi aprovado, e a gente em fevereiro fez uma mostra, a primeira mostra do Centro de Memória, com exposição, com fotos e tudo, a gente conseguiu legitimar também, ali internamente o espaço, que era uma sala grande de estudos e essa sala grande ela se desdobrava com mais duas salinhas. Foi meio “usucapião”, fui colocando todo o material lá, os alunos que iam estudar falavam: “Não dá mais para estudar, porque o cheiro de papel”. Eu falei: “Olha, é melhor estudar em outro lugar” [RISOS]. Aquilo ali foi ficando, eu sugeri: “Professor, a gente não pode realmente fazer um bilhete, um informativo, falando que agora realmente isso daqui é o local do Centro de Memória para os professores e alunos saberem”. Aí ele concordou, a gente adesivou na porta e tudo. A partir dessa mostra e da resposta positiva do edital, a gente falou: “Bom, agora a gente tem um Centro de Memória legitimado e agora a gente precisa dar continuidade nessa organização”, porque ele ainda não é um centro aberto à consultas, a gente ainda não consegue fazer isso. O que a gente consegue na verdade, por exemplo, a gente organizou os trabalhos de conclusão de curso da faculdade, que na verdade o TCC só foi exigido lá a partir de 2000, a gente não tem muita coisa, é pouca coisa catorze anos, a gente conseguiu pegar todos os TCCs que estavam, muitos também se perderam, estavam nessas caixas jogadas e a gente conseguiu resgatar esses trabalhos de conclusão de curso, a gente organizou, esse é o primeiro passo. A gente está vendo muitos alunos que vão fazer e que não tem ideias, então vem assim: “É aqui no Centro de

Memória que fica os TCCs? Eu posso olhar algum? Tem algum que fala sobre tal coisa?" Então a gente já tem isso digitalizado e temos também ele fisicamente organizado por ano, por data, por local, porque o curso também se desdobrou em alguns polos do interior de Mato Grosso, umas turmas especiais, a gente tem isso organizado, mas essa é a primeira organização mesmo que a gente tem.

C.M. – Além do Evando, quais as outras pessoas que se envolveram nesse período?

T.F. – O professor Evando foi o coordenador, o precursor desse projeto de memória. Nessa primeira fase, que foi quando os bolsistas puderam se envolver com a pesquisa, alguns outros professores ali da graduação se envolveram também, por exemplo, a professora que dá aula de Crescimento, Desenvolvimento e Educação Física Adaptada, ela tinha direito a um bolsista, então esse bolsista estudou A História do Esporte Adaptado em Mato Grosso, a gente aproveitou nesse sentido esses professores com essa ajuda na pesquisa, então a professora Juliana Schuller⁴, a professora Eliane Santos⁵ ela trabalha com a Dança, Movimentos Rítmicos Expressivos, o bolsista dela estudou História Da Dança em Mato Grosso. O professor Cleomar⁶, ele teve duas bolsistas, uma falou sobre o Handebol e a outra falou sobre a História da Educação Física no colégio mais antigo de Cuiabá que é o Liceu Cuiabano; o professor Evandro com duas bolsistas e o professor Tomires Campos Lopes, como ele trabalhava com Atletismo, a bolsista dele falou sobre o atletismo em Mato Grosso, nesse primeiro momento foram esses professores...Se eu não me engano, ele teve parceria institucional também, não vou saber te citar o nome, está em documento. Agora nesse segundo momento, nessa segunda etapa do projeto são dois professores mais novos lá na UFMT, mas que trabalham com a área mesmo de História da Educação Física, foi muito proveitosa essa parceria, que é o professor Tarcísio Grunennvaldt⁷ e a esposa dele, a professora Ana Carrilho Grunennvaldt⁸, os dois são da História da Educação Física, os dois estão com a gente. O professor Tomires, eu e o professor Evando, nesse segundo projeto. A gente não pode esquecer dos bolsistas claro, os primeiros bolsistas que tiveram essa experiência na parte da pesquisa e agora na segunda etapa dessa leva de bolsistas que está

⁴ Juliana Aparecida de Paula Shuller.

⁵ Eliane Souza Oliveira dos Santos.

⁶ Cleomar Ferreira Gomes.

⁷ José Tarcísio Grunennvaldt.

⁸ Ana Carrilho Romero Grunennvaldt.

trabalhando com a gente, a gente tem três ou quatro bolsistas, mas aí é bolsista extensão, bolsista permanência que acaba fazendo isso com a gente, não temos ainda um bolsista específico para o projeto que foi aceito, ele cobre apenas um bolsista, a gente não fez ainda, a gente estava esperando o trâmite da parte financeira, para a gente poder entrar com esse recurso e pedir um bolsista de iniciação. Acho que agora na verdade, vocês devem saber bem o que é isso, mas agora sim nesse projeto de legitimação do centro de memória, que a gente conseguiu realmente colocar no papel e depois de muitos encontros, eu vim num encontro aqui em 2012, participei de outros fóruns e encontros sobre a questão da história na Educação Física. Então, agora a gente entende a necessidade de equipamentos, nesse primeiro momento a gente só queria saber, estudar, conhecer mesmo como faz história, a gente não sabia nem como fazia, como estudava, como lia, onde procurava. Agora a gente entende a necessidade, por exemplo, de uma boa impressora, de uma boa câmera fotográfica, de um gravador digital, que tem uma boa potência para você não perder, às vezes a entrevista vai ser dada uma vez só, você perdeu ali, você perdeu tudo. Agora a gente vai pensar como usar esses recursos que esse fomento vai poder disponibilizar, a gente vai precisar de ajuda de outras áreas, a gente não tem um curso de arquivologia, nada que possa colaborar com a gente na UFMT, a gente tem um centro lá, um núcleo de documentação, mas que é pertencente à história, isso até talvez depois que você me der a parte escrita e eu mostrar para o professor, eu nem sei se isso é muito válido dizer... Por exemplo, a gente pensa que aquilo ali, é uma forma egoísta talvez de pensar, mas como nosso legado, eu quero que fique disponibilizado para todas as pessoas, mas a gente entende que é uma iniciativa nossa de começar a valorizar a história ali, mas a gente ainda não tem um suporte. Eu quero o apoio de outras instituições, mas eu não acho justo passar o nosso material para outro local cuidar e a ideia já foi sugerido isso para a gente: “Óh, já que vocês não tem, a gente tem, então deixa que a gente cuida”. Foi o que eu te falei, talvez essa vontade tamanha de falar: “Não, nós temos um centro de memória aqui nosso”, vale a pena esperar mais um pouco, sofrer mais um pouco, por falta de mão de obra, de outros recursos que sejam financeiros também, mas aos poucos a gente consegue o principal. O inicial a gente está fazendo, que é higienizar e cuidar para que os documentos que a gente conseguiu salvar não se percam, é meio egoísta pensar nisso, mas a gente não quer muito dividir [RISOS].

C.M. – Além dos acervos da faculdade, tem alguma outra temática que apareceu nos documentos?

T.F. – Tem, uma que é bastante interessante, que a gente não começou a mexer ainda, exatamente pelo montante, é muita coisa, por exemplo, alguns eventos esportivos que aconteceram e que já não existem mais agora, que a gente descobriu pelos documentos ou por troféus, por exemplo, que tem lá na sala. Vou dar exemplo de uma coisa que existe não no formato que foi criado que se chama Jogos UNICUIA, é uma espécie de Olimpíadas de Cuiabá, que envolve todos os esportes e as equipes se inscrevem. Um, dois, três meses acontecendo todos esses esportes e foi o primeiro evento muito grande, envolvendo muitas modalidades que aconteceu em Cuiabá e esse professor, João Batista Jaude, que foi o criador, o percursor desse evento UNICUIA, junto com o professor Bregunci⁹ os dois fizeram isso acontecer. Ele foi um grande jogador do futsal de Belo Horizonte e na década de 1970 e foi convidado para integrar o quadro de pessoal da UFMT, posteriormente, no curso de Educação Física. A Supervisão de Desportos e Recreação da UFMT, durante dez anos de criação desse UNICUIA, desde 1974, 1975 eles cuidaram muito bem no sentido de relatórios formais com fotos e eles organizaram isso em pastas. A gente tem dez pastas com fotos, durante todo o período do evento, foto de todas as modalidades desde o congresso técnico até a entrega de prêmios, ao final jantar dançante que eles promoviam, então nesse jantar dançante se você olha a foto, você olha o prefeito de Cuiabá na década de 1980, isso traz outras fontes e referências para os nossos estudos e para estudos de outras áreas também. Foi o que eu falei anteriormente, mas, por exemplo, retificando, um aluno de história que está estudando a comunidade cuiabana da década de 1980, ele pode encontrar isso no nosso material, o cunho é o foco esportivo, mas envolve outros personagens como pano de fundo. Então entregas de prêmios do UNICUIA era um evento, uma solenidade, tem a foto do Governador, tem a foto do Secretário de Esportes, esse material é um material rico, tem uma caixa, com muita pasta, a gente ainda não pensou como trabalhar com isso no sentido da pesquisa e de disponibilizar. Esse é um material, por exemplo, que a gente encontrou, a gente não imaginava encontrar ali... Fora isso tem todo esse material administrativo como o que a gente vê, tem exposições do centro de memória, diários de classe da época, planos de ensino de professores, uma coisa

⁹ Wilson Eustáquio Bregunci.

interessante, tem um acervo que um professor aposentado já, ele deu para a Universidade que eram os livros dele, que ele utilizava, a época é bastante interessante, até porque o professor teve uma formação toda na USP¹⁰, fez mestrado na USP, se percebe claramente quem estudou um pouquinho o currículo, você olha o currículo dessas universidades e você vê que a nossa é uma colcha de retalhos, que é uma junção da UFMG¹¹, da USP, da UFRGS¹² que seja, mas são de professores que vieram dessas universidades e contribuíram para a formação do nosso curso, isso a gente encontrou bastante. Mas acho que o material que diferenciou um pouco para a gente foi esse daí do UNICUIA que a gente não esperava dessa maneira. Colônia de férias também, isso aí a gente já publicou, foi uma das primeiras publicações que foi o material também da mesma forma, talvez a gente possa até pensar que a supervisão teve um papel muito importante porque eles organizavam relatórios, que são esses relatórios que são nossas fontes documentais impressas. As colônias de férias também, foram dez anos de colônias de férias e um material com fotos, inclusive de crianças, de quatro, cinco, seis anos de idade, a gente conseguiu encontrar algumas hoje, filhas de professores. Mas só ressaltando, esse quartinho que eu te falei que está lá, todo jogado, a gente só conseguiu tirar de lá a metade, tem uma outra metade que a gente não imagina nem o que tem ainda, porque a gente não conseguiu pessoas para colaborar nesse sentido de que precisa passar o dia todo para você poder tirar e não posso deixar na metade do caminho ali, na hora que a gente tira você tem que fazer a limpeza toda, a gente não conseguiu ter essa ajuda e colaboração, talvez agora, no ano que vem a gente consiga.

C.M. – Todos os materiais de alguma forma são ligados à universidade, as temáticas?

T.F. – São e não são, porque uma parte do material que a gente tem também, a Federação de Atletismo ela não é da Universidade, mas ela está dentro da Universidade, ela fica ali abaixo do nosso ginásio de esportes e a federação ela não tinha um local para funcionar fora dali, ela funciona ali dentro. A gente tem muito material também que envolve o esporte do Mato Grosso, não necessariamente ligado a Universidade, apesar que é controverso, é meio complicado porque a própria ideia de esporte em Cuiabá, surgiu junto com a universidade, não tem muita dissociação, as federações esportivas surgiram a partir

¹⁰ Universidade de São Paulo.

¹¹ Universidade Federal de Minas Gerais.

¹² Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

desse professor João Batista Jaudy, a partir da Universidade, tanto é que ali, não fora ali, não falando Brasil, não no macro, no nosso micro ali, quando surgiu a UFMT na década de 1970, para as pessoas da região dali de Mato Grosso, quando iam falar alguma coisa, falavam da “Universidade do Esporte”. Eles associam a Universidade como um pólo esportivo, porque antes de surgir o curso, o curso de graduação só surgiu em 1976, a Universidade surge em 1970, em 1971 ou 1972 já houve a necessidade, até por lei, dos professores das práticas esportivas dentro da Universidade. A partir disso era “lá acontece o esporte”. Natação também foi um dos carros chefes ali, tem bastante material também da natação, aí de atletas que despontaram no esporte mato-grossense, não necessariamente ainda que a gente associe à UFMT, mas era de uma associação, do clube esportivo, depois de uma associação, mas acontece ali dentro, eu não sei se dá para pensar nessa temática, o esporte de forma separada.

C.M. – Os troféus que você citou estão também no Centro de Memória?

T.F. – Não, não dá para a gente abraçar o mundo [risos]. Mas a ideia é que eles estarão, a supervisão ainda não sabe, estou preparando um golpe, não, não, mentira [risos]. A gente pensa assim, que a gente tiver esse espaço, a gente só legitimou a ideia do Centro de Memória, então a gente tem um espaço, se quiser é um espaço pequeno, mas que bem organizado, ele pode ser sim um espaço que os alunos podem inclusive adentrar para poder fazer essa pesquisa, não é o espaço adequado, mas é um espaço que minimamente dá para atender as exigências, por exemplo, de guardar, de preservar o material que a gente tem. Esses troféus, por exemplo, eles estão num saguão, num corredor que fica para o lado da supervisão de esportes e lazer, mas eles também contam muito a história esportiva, porque são troféus que envolvem outras modalidades, o judô, a natação, eles estão todos ali, só que eles ilustram esse tanto de material que eu te falei que está ali sem mexer, do UNICUIA, desses outros eventos esportivos ali, a gente pretende que ele seja catalogado, que ele faça parte da história, que fique como acervo do CEMEF¹³.

C.M. – De áudio e vídeo, vocês encontraram alguma coisa?

¹³ Centro de Memória da Educação Física da UFMT.

T.F. – Não, a gente encontrou uma notícia muito triste que existia uma caixa com VHS¹⁴ que eram de aulas de ginástica rítmica e desportiva e de outras aulas de outra professora que foi embora inclusive. Ela aposentou e foi para outra cidade, ela sempre fazia essa gravação das aulas dela, quando eu fui atrás, não tinha e por essa grande reforma que passou o laboratório lá. Foi um dia que foi assim: “Os professores e alunos que se interessarem, venham aqui para retirar os materiais”. Só que isso aí a gente nem pensava em constituir um centro de memória. Então muita coisa talvez foi jogada fora sem saber, porque você olha e fala: “VHS não tem nem mais onde assistir”. Aí essa caixa que eu queria mesmo, alguém falou assim: “Ficava em cima de um armário no Centro Acadêmico”. Aí eu fui atrás do Centro Acadêmico: “Ah, acho que eu já vi essa caixa, mas acho que numa limpeza...” Então assim não encontramos por enquanto, mas eu ainda tenho esperança porque ainda não consegui terminar de olhar o paraíso lá que tem mais coisas, mas por enquanto não. A gente tem algumas coisas da TV Universitária, lá tem a TV Universitária, isso a gente não encontrou no Centro de Memória, mas eles já disponibilizaram que eles podem fazer essas cópias para a gente. Então aí tem muitos eventos que foram gravados na época por essa TV lá da Universidade, aparecem fotos até de alunos, eventos, essas colônias de férias, temos bastante colação de grau de alunos da educação física das primeiras turmas, a gente tem esse material, mas a gente vai ter as cópias desse material, por enquanto não encontramos nada.

C.M. – Mais alguém da equipe trabalhou com essa questão da organização, limpeza dos acervos, de pegar os acervos e trazer?

T.F. – Só os bolsistas.

C.M. – Esses bolsistas que você citou dos outros professores trabalharam?

T.F. – Não, no primeiro momento, tanto é que a busca foi só histórica. Na verdade acho que essa busca que deu a iniciativa da gente pensar num centro de memória e ir atrás de documentos ali dentro, porque o teor dessas pesquisas desses alunos não foi ali dentro da universidade, foi fora, então o de dança ele foi procurar as escolas de dança e falar: “Aonde

¹⁴ Fitas de vídeo analógicas.

você formou? Foi na Universidade?”. Tudo voltava ali na Universidade, mas não saiu nenhum documento dali, a não ser a minha pesquisa que foi sobre a história da faculdade, aí foi a partir disso que eu comecei. O primeiro material que eu encontrei foi o de colônia de férias, essa minha pesquisa basicamente foi a colônia de férias e muitos fotos que apareciam, por exemplo, o ginásio era locado para shows: show da Ivete Sangalo, show do Lulu Santos, Roberto Carlos e tal. Um ginásio esportivo que servia para questões culturais, que mobilizava toda a comunidade cuiabana para dentro desse ginásio, que durante o dia era esporte e de noite era show, bem controverso... Esses primeiros bolsistas não, já agora desde o ano passado é que começaram a fazer essa higienização, a gente foi atrás também dessa questão, como funciona mesmo, a gente viu nas normas, procurei pessoas ligadas a essa questão de arquivologia. Aqui mesmo na UFMG¹⁵, no último que eu vim para cá, aí eu fui atrás do Centro de Memória¹⁶, perguntei como que elas faziam, como era, foi a partir disso que eu descobri o pincelzinho de limpar. Até então não, foi assim mesmo, foi perguntando e aí me falaram realmente de tirar clipes, tirar qualquer outro material, tudo isso, eu aprendia e levava lá para eles, as meninas tinham as broxas lá para fazer toda essa limpeza, a gente tirou tudo porque as caixas que estavam armazenadas eram todas de papelão, a gente trocou pelas poliondas, papel alcalino, a cada dez fazia os conjuntinhos de documentos, a gente tentou dar a nossa maneira e pelo que a gente viu os outros centros de memória que a gente teve a oportunidade de conversar. A gente tentou minimizar essa perda de papel, claro que a gente não tem aquele regulador de umidade, não, até porque o momento ainda não é esse, a gente ainda está nesse trabalho árduo de poder até selecionar, o que não é, o que é, que não cabe a gente, porque com a nossa experiência em relação à documentação, quem somos nós para falar se o papel é importante ou não é, por enquanto tudo o que a gente acha que não pode é importante, a gente põe numa caixa separada e a gente está a espera de ter uma equipe, não sei quem faz isso, se é um pessoal de história, não sei, de direito, que vai poder falar o que é importante ali para a gente poder guardar no Centro de Memória ou não.

C.M. – Vocês receberam algum apoio da Universidade além do projeto? Os professores receberam liberação de carga horária, pelo menos tiveram reconhecida essa carga horária

¹⁵ Universidade Federal de Minas Gerais.

¹⁶ Centro de Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer.

que eles têm lá ou a Universidade em algum evento já reconheceu a importância do Centro de Memória?

T.F. – Não, acho que a gente ainda não chegou nesse processo de colaboração, até de reconhecimento, até porque talvez a gente ainda esteja num processo inicial, até dessa divulgação do centro, da gente estar ficando confiante em relação ao centro de falar: “A gente tem uma história, essa história não envolve só a Educação Física, ela envolve o Curso de Biologia, envolve as outras faculdades”. Até porque a gente era um departamento dentro do Curso de Ciências Biológicas, era ligado à Medicina, Enfermagem, Nutrição, depois a gente conseguiu essa independência. A gente se constituiu como faculdade, só em 1992, o curso foi criado em 1976, até 1992, você imagina toda essa história ligada à centro acadêmicos da Biologia. Tem material nosso que é da Biologia, porque a Educação Física, a Biologia e a Nutrição organizavam eventos juntos, você tem nomes e pessoas que também fizeram parte de outros cursos ali, talvez indo por esse viés, a gente imagina que consiga essa colaboração. Mas no primeiro momento, se a gente não tiver isso organizado, a gente não consegue nem passar, mesmo para a direção da Universidade para falar: “A gente precisa de ajuda nesse sentido, porque a gente tem isso, isso e isso e a gente quer caminhar por aqui”. Mas por enquanto não, nessa primeira mostra que a gente fez, claro, a faculdade divulgou, colocou no site que teria, a gente fez lá mesmo, dentro do ginásio, a gente imaginou: “A gente não quer fazer num centro cultural, num lugar ainda, porque é a primeira, a mostra é aqui, a gente quer que os alunos participem”. Até essa mobilização é difícil para falar para os alunos: “Vai ter uma mostra”. “Ah legal, mostra do quê?”. “Da história da faculdade”. A gente conseguiu essa mostra ali mesmo no ginásio, num espaço que a gente tinha ali fora, foi bacana, professores aposentados que a gente convidou foram assistir, foram ver, a própria exposição deles de material que a gente encontrou desses professores. Mas ainda não tivemos não, a não ser essa resposta positiva que a gente conseguiu até um recurso financeiro, nesse edital da FAPEMAT, que ainda bem já está até tudo certo mesmo, já caiu uma parte do dinheiro, isso acho que foi o primeiro reconhecimento desde 2011, quando a gente pensou nessa constituição do Centro, acho que essa foi a primeira vez que a gente realmente sentiu: “Opa agora é sério, é de verdade”. Até pelo fato que você tem que dar conta depois desse dinheiro, faz você acreditar mais nesse trabalho, faz você pensar, não realmente agora estou mexendo com alguma coisa amparada.

C.M. – Vocês fazem grupo de estudos?

T.F. – A gente tem uma dificuldade às vezes com grupo de estudos, até pela exigência de que os grupos de estudos, pelo menos formais, pelo CNPq¹⁷, tem que ser professores doutores na área que a gente precisa, a gente não tem muito ali. Quer dizer, temos doutores no curso, mas não temos professores doutores que “queiram” trabalhar com essa temática histórica, que queiram conduzir um grupo nesse sentido. Eles são de outras áreas.... Por exemplo, o Professor Evando, ele já tem um grupo de estudos e ele é o Diretor da Faculdade, então, não daria para ele ter mais essa demanda. O professor Tarcísio, ele trabalha com a história, mas ele trabalha com a história e cinema. Ele, por exemplo, o corpo e cultura, tem outra professora. O que esses professores acabam fazendo para ajudar é dar uma abertura de que talvez um encontro ou dois a gente possa estar ali discutindo esses assuntos. Mas um grupo específico não, é o próximo passo também que está como um dos objetivos nossos, não adianta ter um centro de memória e ninguém estudar sobre a memória e a história da instituição. O que eu sugeri, que o professor prontamente pensou que talvez dê certo, é que a gente possa pensar num grupo de estudos independentes, não precisa ser institucionalizado e formalizado, mas que a gente consiga agregar pessoas que queiram fazer essa discussão e esses estudos em relação à história e a memória para a gente fortalecer essa questão da história.

C.M. – Você tem alguma memória marcante na sua trajetória que o Centro de Memória fez parte? Como que essa participação no Centro de Memória impactou na sua trajetória?

T.F. – Tem o meu TCC. Eu fiquei, vou até usar a palavra que o professor vivia falando, eu fiquei alucinada, com todas as descobertas e pelo fato de ter trabalhado com a História Oral no meu TCC. Eu encontrava o nome dos meus professores nos documentos que eu estava mexendo no Centro de Memória e falava da professora Maria Maura¹⁸, por exemplo, e eu falava: “Nossa, eu nunca ouvi”, porque a professora já tinha saído quando eu entrei, porque eu entrei na Universidade em 2010 no curso de Educação Física e muita gente já tinha sido aposentada. Quando eu começava a olhar, principalmente nos ofícios expedidos e

¹⁷ Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

¹⁸ Maria Maura Gonçalves da Cunha.

recebidos e a forma como as pessoas pediam. Por exemplo, determinado professor fez trinta e cinco reservas de auditório ou de combe para levar os alunos em tal lugar, eu falava: “Eu preciso conhecer essa pessoa”. E quando eu conseguia marcar uma entrevista realmente eu ia: “Onde esse professor esta morando?”. “Em tal lugar”. “Me passa o telefone”. Por telefone eu falava: “Professor eu preciso fazer uma entrevista, é sobre história, o senhor é muito importante para a história”. Aí o professor falava: “Tudo bem, pode vir na minha casa”. O fato de receber na sua casa já é uma coisa..., “Como assim? Achei que ele queria marcar ali informal”. Aí quando você conhece o professor, você vira cúmplice dessa história e ele contando para você, ainda que seja gravado, ele fala assim para você: “Mas isso fica só entre a gente”. O “fica só entre a gente” era uma forma de mostrar essa cumplicidade. Então, ver o professor chorando com lembranças, ver ele falando assim: “Eu passei trinta e cinco dando aula de Ginástica Olímpica, mas o meu sonho era Natação”. Só que já tinha muita gente dando Natação e ele chora. Aí eu penso num professor que teve trinta e cinco anos numa carreira brilhante que todo mundo adorou, que no final fizeram homenagem, mas será que ele ficou frustrado trinta e cinco anos, porque ele chora quando ele fala da memória, ele fala assim: “Mas meu sonho mesmo era dar aula de natação”. Uma das coisas de trabalhar com a memória, aí você sai de lá, talvez o professor fique aliviado e eu saía pesada, porque eu falava: “Meu Deus!” E eu pensava na minha trajetória, no que eu estou construindo a partir de agora. Aí eu ia lá, entrevistava outro professor, um outra história, uma outra memória, um outro sentimento, o professor parava, respirava e falava: “Espera um pouquinho que eu já voltp”. Você esperava e ele vinha, se recompunha, ele contava novamente as memórias dele e falava: “Só fica entre a gente”. Eu me sentia uma depositária, fiel depositária como diz no direito, das histórias e memórias desses professores. E os que ainda estavam na Universidade, era muito engraçado no dia a dia, porque eu passava por eles no corredor e eles davam um sorriso de cumplicidade, do tipo: “Agora você sabe a minha história”. Eu me senti muito importante, apesar de estar fazendo um trabalho para a Universidade, isso me tocou profundamente, porque eu entrei em contato com pessoas que eu não vi mais o professor, eu vi o homem, eu vi o pai, eu vi o amigo, eu vi o colega, eu vi a pessoa triste, eu fiquei sabendo do momento mais feliz da vida dele ali dentro, isso me tocou muito. Eu pensei que realmente trabalhar com a memória das pessoas é uma coisa extremamente prazerosa, ainda que seja uma memória, não importa se a memória é a partir de uma fonte impressa, os documentos me tocam muito, ler os documentos, parece que eu estou lendo a vida de alguém ali, isso

me remete às imagens. Principalmente esse momento do meu TCC, eu fiz a entrevista em seis meses, entrevistei treze professores e a entrevista mais curta tinha uma hora e dez, uma hora e quinze, a história mais curta uma hora e quinze e uma hora e quinze em transcrições. É um livro, são quarenta páginas, cinquenta páginas... Aí você olhava para aquilo e você fala: “Olha isso, é só uma parte da história de alguém”. Ou alguém que para mim contou sua vida em quarenta páginas, isso que se resume uma vida? Enfim, acho que essas coisas me tocaram muito mais, mais do que a história coletiva, eu acho que a história individual, a memória individual, que eu utilizei depois para transformar isso numa história coletiva da Universidade, eu acho que me tocou muito, foi a parte que me fez amadurecer nesse sentido de saber dividir, de saber separar essa memória individual e essa memória coletiva, o que você publica e o que você guarda para sempre, é isso.

C.M. – Essas entrevistas estão registradas no Centro de Memória?

T.F. – Estão registradas, mais algumas, tanto é que eu não utilizei todas no TCC, porque algumas eu ainda estou nesse processo de autorização do professor, porque alguns eu demorei, três, quatro meses para agendar, depois você manda, o professor viaja ou some no mundo, até eu conseguir de novo, então ainda não consegui todo esse trâmite de legalizar e falar: “Agora estão todas autorizadas”, mas a ideia é sim que a gente tenha um acervo digital também, mas local ali, porque a ideia que tenha um computador, isso ali já tem um computador que é do centro de memória. Por exemplo, as fotos digitalizadas que a gente fez, mais de quatrocentas digitalizações já de fotos, todas essas pastas que te falei dos relatórios das colônias de férias, por exemplo, as fotos estão todas digitalizadas, esses ofícios, como eu tenho medo de que eles se percam futuramente também, a gente colocou assim: ofícios expedidos de 1989, digitalizamos folha por folha. Isso já é uma coisa que quando a gente fizer essa disponibilização no sentido de que os alunos, os outros pesquisadores saibam que existe aquilo ali que queiram pesquisar, ele já está entrando num formato digital. Mas a gente ainda não pensou nisso de se criar uma página, por exemplo, a gente espera que a partir desse próximo ano agora, uma das utilizações desse recurso da FAPEMAT é para isso, quanto antes a gente começar a disponibilizar essas informações, a gente acha que mais rapidamente vai conseguir melhorar esse trâmite, esse processo, essa trajetória de legitimação realmente do Centro de Memória da UFMT.

C.M. – Talita, tem algo que eu não perguntei ou que você não falou e que gostaria de deixar registrado?

T.F. – Uma coisa que é importante para entender, que eu falo muito o Centro de Memória da Educação Física e do Esporte, mas como ele está locado na Universidade, como tudo começou com a Universidade, mas a nossa ideia do projeto, a gente já começou a agendar essas entrevistas também. A gente pegou as cidades pólos ali, cidades referenciais do Estado de Mato Grosso, mais de dezoito cidades, elas farão parte desse acervo, é um trabalho longo, mas a gente vai em todas as Secretarias de Esportes e Lazer, nas federações esportivas. Porque por exemplo, a gente tem muitos atletas, atletas mesmo que competem internacionalmente no atletismo e é na cidade de Barra do Garças, que é uma cidade do interior de Mato Grosso, mas ali eu também tenho uma história do esporte. A gente tem a que todo mundo ouviu falar que era a “princesinha dos pés descalços” que era a Jorilda Sabino¹⁹, ela correu a São Silvestre²⁰, ela era de Cuiabá, ela começou a correr com um professor de lá da Universidade que era o Expedito Sabino e ela contou uma história linda também, ela já não mora mais ali, ela mora em outra cidade, no Mato Grosso do Sul. A gente tem esse projeto de que não é o Centro de Memória da Universidade Federal do Mato Grosso, a gente quer que ali estejam as histórias esportivas que permeiam o cenário Mato-grossense. Por exemplo, ninguém sabe, tem canoagem em Mato Grosso, inclusive ela é uma das campeãs, treina ali, é rio e tem toda uma história do percurso, numa cidade que ninguém ouviu falar, mas existe. A gente quer fazer uma listagem, por exemplo, dos esportes mais relevantes ou não, até de esportes que ninguém fale, a gente tem muitos esportes indígenas e porque não fazer parte do nosso Centro de Memória, a gente tem que partir ou apoiar até aquilo que nos diferencia, talvez os jogos indígenas que aconteceram lá, a gente tem as práticas corporais esportivas também configurado como esporte, que faz parte do nosso Mato Grosso. O que a gente quer mesmo com isso, além de poder legitimar essa nossa história ali é poder mostrar que a micro história também é importante, porque eu não consigo compreender a macro história sem antes conhecer a micro, se eu não conhecer a minha história esportiva ali do meu estado, eu nunca vou conseguir fazer um paralelo, derrepente do futebol, a importância do futebol no imaginário das pessoas e dos torcedores,

¹⁹ A atleta chegou em segundo lugar na Corrida de São Silvestre, na cidade de São Paulo em 1984. Ficou conhecida como Cinderela Descalça.

²⁰ Corrida de São Silvestre.

se eu não conseguir entender pelo menos a minha realidade ali, preciso compreender ali porque derrepente o Mato Grosso não tem futebol, tem uma história por trás disso, acho que a partir disso também que a gente pode fomentar as pesquisas na área. A ideia também, é que o Centro de Memória sirva para que todas as áreas ali afins ou não, vejam como uma possibilidade de se pensar em pesquisas que façam relações de Mato Grosso ou Cuiabá, em relação ao esporte e educação física, com o restante do País. Se não a gente fica muito no eixo Rio, Brasil igual à Rio de Janeiro, é em tudo que a gente vai ver. Eu brinco, tinha até um estudo comparativo da profissionalização do futebol Brasil e Colômbia ou Argentina, aí quando você vai ler o Brasil que ele fala é Rio de Janeiro. Espera aí, porque não tem uma relevância Mato Grosso? Mas alguma ponte a gente pode fazer, Mato Grosso não surgiu do nada, teve todo um processo de exploração, de colonização, talvez as práticas advenham desses outros locais, a gente consegue sim fazer relações do nosso estado com todo o resto do Brasil e fazer com que o Estado também seja parte do Brasil, é isso.

C.M. – Talita, muito obrigada, te agradeço muito!

[FINAL DA ENTREVISTA]